

A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões

Sylvia Costa Couceiro*

Resumo: Até recentemente os historiadores concentravam-se no estudo da cidade em seus aspectos diurnos, priorizando a “cidade do trabalho” em suas diversas faces. Vista, durante muito tempo, como perigosa e ameaçadora, só mais recentemente *a noite* se tornou objeto de trabalhos e pesquisas históricas. Este trabalho tem como objetivo abordar uma das múltiplas faces dessa misteriosa e ao mesmo tempo sedutora cidade: a cidade dos cafés e bares, tendo como palco o Recife nos anos 1920. Territórios do prazer, da diversão e da transgressão, dirigidos aos segmentos da elite ou aos grupos populares, os cafés possibilitavam, para além dos conflitos e disputas, encontros de grupos sociais diversos, representando um dos espaços onde havia a chance de se estabelecerem redes de comunicação que escapavam à lógica do discurso técnico e racional que buscava disciplinar o espaço da cidade.

Palavras-chave: cultura e divertimentos urbanos, cidade e história da vida noturna, história social do Recife.

Abstract: Jusqu’à récemment des historiens se concentraient sur l’étude de la ville dans leurs aspects diurnes, donnant la priorité à la « ville du travail » dans ses plusieurs façons. Vue pendant beaucoup de temps comme dangereuse et menaçante, seulement plus récemment la *nuît* s’est rendue objet de travaux et recherches historiques. Ce travail a le but d’aborder l’une des multiples faces de cette mystérieuse et en même temps séduisante ville: la ville des cafés et des salons du Recife des années 1920. Territoires du plaisir, du divertissement et de la transgression, dirigés aux segments de l’élite ou aux groupes populaires, les cafés rendaient possible, au-delà des conflits et disputes, rencontres des groupes sociaux divers en représentant l’un des espaces où il y avait la possibilité d’établir des réseaux de communication qu’échappaient à la logique du discours technique et rationnel qui a cherché discipliner le territoire de la ville.

Keywords: – Culture et divertissements urbains, ville et histoire de la vie nocturne, histoire sociale du Recife

Repensar a cidade e analisar as questões urbanas tem sido uma temática perseguida por urbanistas, antropólogos, sociólogos, historiadores e estudiosos dos mais diversos campos do saber, sobretudo nas últimas décadas.

Na virada do século XIX para o XX, para médicos, sanitaristas e higienistas, a cidade aparecia como um *espaço enfermo*. Foco de epidemias, doenças, miasmas, o imaginário que se construiu em torno da cidade representava-a como lugar do perigo, dos vícios e da imoralidade, passível da intervenção saneadora dos técnicos. Enquanto palco da modernização, das obras viárias e estruturais, a cidade foi vista como *espaço problema*, objeto

* Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco/MEC - Recife

da intervenção de engenheiros e arquitetos que buscavam, através de planos e projetos, adaptá-la às necessidades que se apresentavam com o crescimento urbano acelerado, os novos meios de transporte e as mudanças nos padrões de comportamento e estilos de vida.

Lugar do progresso e também da miséria, da convivência do antigo com o moderno, das trocas e conciliações, dos antagonismos e conflitos, enfim, das múltiplas representações dos seus territórios, aos poucos a cidade foi sendo considerada enquanto *espaço de memória*, pleno de lembranças e vivências dos seus diversos atores, objeto de estudo de historiadores, antropólogos e demais cientistas sociais.

Mais recentemente percebe-se um movimento no sentido de tentar compreender a cidade sob a ótica da interdisciplinaridade, numa busca incessante de encontrar, se não soluções definitivas, ao menos explicações, indicadores, ou mesmo pistas que possam sinalizar caminhos a serem seguidos neste momento de crise.

Segundo Maria Stella Bresciani, as cidades oferecem portas de entrada conceituais que possibilitam seu estudo. Uma delas seria a que abre a possibilidade de analisá-las como lugar de formação de uma *nova sensibilidade*, “na qual o olhar armado pelo conceito classifica em quadros compreensivos tudo o que vê (...). É ainda aqui que a produção cultural sobre a cidade constitui uma cultura urbana, na qual a construção intelectual da vida nas cidades se faz por contraste e oposição a uma suposta vida rural idílica”. (BRESCIANI, 1992:12)

Bresciani entreabre, ainda, uma outra porta que nos deixa vislumbrar a cultura popular, segundo ela uma forma à parte da cultura urbana:

“Abafada sob o pesado manto dos valores burgueses, destinada ao silêncio (...). Dela temos um conhecimento indireto na maioria das vezes; são relatos exteriores, são depoimentos colhidos no intuito de dá-la a conhecer pela sociedade culta. São vozes que expressam muitas vezes a vontade de liberdade, de uma vida liberta da opressão cotidiana(...).” (BRESCIANI, 1992:13)

Em qualquer dos ângulos de análise apresentados, a maioria dos estudos, incluindo os de cunho histórico, priorizava a cidade de dia, a cidade do trabalho, da reprodução do capital. As pesquisas concentravam-se na história cotidiana diurna e seus diversos aspectos, deixando de lado os temas ligados à vida noturna da cidade. Vista, durante muito tempo, como perigosa e ameaçadora, só mais recentemente *a noite* se torna objeto de alguns trabalhos e pesquisas que iniciaram a construção da história da cidade à noite. Este trabalho aborda uma das facetas dessa misteriosa e ao mesmo tempo sedutora cidade: a cidade dos cafés, bares e botequins.

No Recife dos anos 1920, havia cafés para todos os gostos e bolsos. Se existiam aqueles endereçados a um público mais seletivo, como o Café Continental, mais conhecido como Esquina da Lafayette, ou o Café Brasil, freqüentados por políticos, intelectuais, funcionários públicos, comerciantes, estudantes e profissionais liberais, havia também os estabelecimentos que se dirigiam aos trabalhadores e grupos populares.¹

Segundo Mário Sette, o período áureo dos cafés recifenses foi na virada do século XIX para o XX. Ambientes tidos como suspeitos, os cafés eram freqüentados de dia e à noite geralmente por homens, principalmente estudantes, não sendo considerados lugar “de família”. Segundo Sette:

“Na época, as famílias de raro freqüentavam um café e isso mesmo de dia. À noite não parecia de boa moral. Tanto estudante lá dentro. Às vezes mulheres da vida fácil. O Café Rui (...) era o ponto predileto dos acadêmicos de direito. Viviam em constante algazarra, em brindes, em vaias, em pilhérias de moços. Das portas do “Rui” eles espiavam as pernas das moças ao subir nos bondes.”(SETTE,1981:143).

Para as camadas populares, os cafés constituíam-se em importantes espaços de sociabilidade. Eram os conhecidos cafés-cantantes, ou cafés-concerto, espalhados por diversas ruas do centro e subúrbios do Recife. Vistos com desconfiança pelas autoridades e pelas famílias, devido à freqüência considerada pouco seleta, responsável pela promoção de arruaças, bebedeiras e atentados aos bons costumes, os cafés eram uma presença constante nas notas policiais e nos livros de queixas das delegacias nos anos vinte.

Nos anos 1920, o café mais famoso do Recife era o Café Continental. Mais conhecido como Esquina da Lafayette, por se localizar vizinho à charutaria e loja de cigarros da fábrica Lafayette, na Rua 1º de Março, o Continental era um dos canais de organização e locais de convivência preferidos dos moços e senhores da cidade. Como já ressaltamos, por mais refinado que fosse o estabelecimento, o café não era um espaço usualmente freqüentado pelas mulheres, a não ser pelas atrizes, dançarinas e pelas chamadas “mulheres de moral duvidosa”. De acordo com o memorialista Rostand Paraíso, “as mulheres, bem vestidas, com suas jóias e chapéus e habitualmente portando luvas e sombrinhas (...), ao saltar dos bondes tinham o cuidado de evitar as calçadas do Lafayette, lugar para o qual apenas disfarçadamente se

¹ Sobre os cafés do Recife no início do século XX, ver SETTE, Mário. Os antigos cafés. In: *Maxambombas e maracatus*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife: 1981, pp. 142-145. SOUZA BARROS. Joaquim Cardoso e o “Cenáculo” da Lafaiete. In: *A década de 20 em Pernambuco* Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985, pp. 217-245. PARAÍSO, Rostand. *A Esquina do Lafayette e outros tempos do Recife*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 2001.

permitted to look” (PARAÍSO, 2001:133).

Esquina do Café Lafayette – ponto de encontro de intelectuais, profissionais liberais e estudantes do Recife. Acervo - Fundaj



Território quase exclusivamente masculino, o Lafayette tinha como clientes, intelectuais, políticos, comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, estudantes, que se reuniam para debater as últimas tendências da arte e da literatura, discutir política, fechar negócios, contar piadas, escrever versos, ou apenas boatar e comentar a vida alheia. O grupo composto pelos intelectuais era das mais diversas tendências, tanto literárias quanto políticas e religiosas. Apelidado por Souza Barros de “Cenáculo da Lafayette”, o grupo tinha, segundo ele, uma característica comum: a vontade de rediscutir os padrões estabelecidos, a curiosidade pelo novo, um anseio de renovação, numa época em que as polêmicas culturais e políticas fervilhavam. “Havia uma agitação não só nos quadros literários, mas igualmente nos políticos e sociais (...). Para muitos, o protesto não era só contra as fórmulas verbais de expressão, era contra toda a estrutura” (SOUZA BARROS, 1985:233-234).

Nas mesas do Café, espalhadas pela calçada da esquina da 1º de Março com a Rua do Imperador, circularam assíduos frequentadores, os chamados “visitantes contumazes” da confraria, que diariamente batiam o ponto nas mesas do Café, e os visitantes esporádicos. Segundo Abdias Moura, as reuniões do grupo eram um “perpétuo meeting (...) onde se discutem os fatos palpantes e se submete a língua ao exercício ginástico de falar da vida alheia, como convém a todos os cavalheiros que não cuidam da própria vida” (PARAÍSO, 2001:126). Intelectuais como Câmara Cascudo, José Lins do Rego, Joaquim Cardozo, Ascenso Ferreira, Gilberto Freyre, Tadeu Rocha, e muitos outros participaram, com maior ou menor frequência, dos encontros nas calçadas do café Lafayette.

Contudo, além dos senhores e rapazes da elite, a Esquina tinha também um outro público cativo. Eram engraxates, gazeteiros, agiotas, vendedores de loteria, ambulantes que comercializavam os mais diversos tipos de mercadorias e por lá ganhavam a vida, além dos

passadores do jogo do bicho, uma vez que os resultados da *poule* do dia eram sempre anunciados ali bem em frente, na Rua 1º de Março.

Os cafés variavam de acordo com o poder aquisitivo e as preferências da sua clientela principal. Os estabelecimentos espalhados pelo centro, nas ruas do bairro de Santo Antônio e São José, eram freqüentados principalmente pelos segmentos populares. Nesses espaços podia-se celebrar a vida, beber para esquecer a dor, conversar com amigos, cantar, dançar e, sobretudo, arranjar companhia feminina a preços razoáveis. De acordo com os jornais e a documentação da Repartição Central de Polícia,² as designações café-cantante e café-concerto eram as mais usadas para os estabelecimentos destinados principalmente às camadas populares.

As denominações dadas aos estabelecimentos que vendiam bebidas, promoviam bailes entre os freqüentadores, apresentavam shows de variedades, exibiam números de canto e dança com artistas, e mesmo os que lidavam mais especificamente com a prostituição, eram muito variadas no Recife da época. Café, café-cantante, café-concerto, *cabaret*, botequim, pensão, casa de cômodos e até *club*, eram algumas das designações usadas para essas casas de diversão. Tentar elaborar uma classificação rígida, que procurasse ordená-los segundo suas atividades seria temeroso, uma vez que, nesse ramo de negócios, geralmente conviviam no mesmo ambiente bebida, música, prostituição e jogo. É muito comum, inclusive, encontrarmos referências a casas cujo nome utilizava duas dessas designações: “Cabaret Pensão Risonha”, “Café Bar da Italiana”, “Cabaret Café-Cantante de Maria do Carmo”, “Café-Cantante Radiante Bar”, e assim por diante.

O que comumente se denominava “café”, café-concerto ou café-cantante era uma espécie de sinônimo do que conhecemos atualmente como “bar.” Apesar de Gilberto Amado em suas memórias dizer que não se recordava, nos primeiros anos do século, do uso da palavra “bar”, nos anos 1920 encontramos as designações “botequim” e “bar” sendo empregadas para referir-se a esses espaços. Em 1921, O Jornal Pequeno estampou em sua primeira página matéria sobre a vida noturna do Recife, com a seguinte manchete: “Os bars à noite”. Em 1929, o “Café Cantante Radiante Bar” registrava o pagamento da taxa de recolhimento na Inspetoria de Polícia para a obtenção da autorização de funcionamento.³ Como podemos perceber, apesar de pouco utilizadas, essas denominações foram encontradas

² A coleção de documentos pesquisados refere-se à *Secção de Teatros e Diversões Pública*, mostrando os trâmites burocráticos seguidos na época pela polícia para liberar o funcionamento dos chamados “divertimentos públicos”.

³ Inspetoria Geral de Polícia, *Secção de Teatros e Diversões Públicas*, Licenças jan-jul 1929.

em alguns documentos referindo-se a funções semelhantes, o que nos mostra uma certa identificação existente na época entre café, café-concerto, café-cantante, bar e botequim.

Em termos espaciais, apesar desse tipo de estabelecimento localizar-se, sobretudo na área central da cidade, a documentação da Repartição Central de Polícia, responsável pela concessão das licenças de funcionamento, demonstra que os cafés-cantantes estavam espalhados por vários bairros e localidades do Recife, como Santo Amaro, Pina, Casa Amarela e Estrada dos Remédios, dentre outros.⁴

O cardápio dos cafés variava bastante conforme o local e o tipo de clientela. Alguns estabelecimentos serviam bebidas variadas, indo do simples cafezinho a aguardente, cerveja e até Whisky. Petiscos diversos, empadas, bolinhos, ovos fritos e cozidos, além de papas, coalhada, sopas, macarronada, banana cozida e outros quitutes.⁵

Constantemente os Cafés estavam nas colunas policiais dos jornais. Os motivos das prisões variavam de ocorrências mais leves, como embriaguez e perturbação da ordem, geradas por desavenças pessoais entre os frequentadores, disputas e brigas por questões de jogo e por mulheres, chegando até a assassinatos.

A representação construída pelas elites da cidade em torno dos cafés destinados a esse público apresentava tais lugares como “baratos e mal afamados”, “paraíso dos desordeiros, gatunos, vagabundos e mulheres vadias”, territórios da “desordem e imoralidade”. Uma notícia publicada pelo Jornal do Recife sobre o Café Flor da Noite é um exemplo da imagem que esses territórios de diversão popular tinham nessa fase. Localizado na Rua Estreita do Rosário, o Flor da Noite era descrito como “um verdadeiro antro! Nele se reúne uma multidão de prostitutas que, com sujeitos desclassificados, passam noites e noites a beber na maior vadiagem.”⁶ Contudo, para seus frequentadores, os cafés eram espaço de sociabilidade: palco de animadas conversas, ponto de encontro entre velhos companheiros, espaço da conquista de novos amores.

As reclamações contra os cafés e os pedidos de providências por parte das autoridades policiais eram constantes na imprensa recifense. A sociabilidade que emergia desses espaços, a conversa alta, o barulho, a circulação de idéias, as brincadeiras, as discussões e os momentos de interação e solidariedade assustavam as elites, pois marcavam comportamentos diferentes daqueles recomendados pela civilidade: silêncio, discrição, impessoalidade e retraimento quando em público. Segundo os jornais, a falta de policiamento e de uma

⁴ Repartição Central de Polícia, *Inspetoria da Guarda Civil*, vol. 1247, abril-julho de 1927.

⁵ Os itens citados acima foram colhidos de anúncios de propaganda de alguns desses estabelecimentos, crônicas e livros de memórias.

⁶ Jornal do Recife, 29/10/1926, p. 5.

fiscalização mais enérgica da polícia, eram fatores que facilitavam a ocorrência de constantes agressões, brigas e crimes nesses locais. As dificuldades com relação à “manutenção da ordem” e moralidade não eram poucas, uma vez que, boa parte dos clientes usuais dos cafés eram justamente guardas, soldados e agentes da polícia.

Um exemplo interessante e que vale a pena ser detalhado é o do Café Chile. Localizado na Praça da Independência, o Café Chile, de acordo com os anúncios publicados nas revistas e almanaques do final da década de 1910, era um espaço destinado a uma clientela de maior poder aquisitivo. Nas propagandas divulgadas, o Café Chile era anunciando como um estabelecimento de “instalações modernas e seus serviços de qualidade refinada”.⁷

Funcionando até as duas horas da manhã, suas noites eram animadas por uma orquestra que se apresentava diariamente. O estabelecimento era iluminado a luz elétrica, e tinha “copa à vista do freguês”, podendo ser inspecionada pela clientela, demonstrando que essa deveria ser composta de pessoas exigentes quanto aos padrões de higiene e limpeza dos locais que freqüentavam. O Café possuía em seu interior uma tabacaria que dispunha para comercialização, segundo os anúncios, de cigarros, charutos e fumos de diversas procedências, o que demonstrava a preocupação em agradar os fumantes mais exigentes.

O cardápio da casa também sugeria que sua freguesia era formada de indivíduos mais abastados. Visando agradar os mais diversos paladares, o menu oferecia uma variada gama de petiscos, que iam desde refeições ligeiras, como “macarronada à italiana, ovos quentes e fritos e comidas frias”, até guloseimas mais sofisticadas, como “sorvetes, refrescos, chocolates, bombons, chá, café, torradas”, passando por um amplo sortimento de bebidas, que incluíam “groggs, cervejas, champagne, whisky e bebidas de todas as qualidades”. A divulgação na imprensa de um cardápio diferenciado, que oferecia aos clientes alimentos e bebidas mais refinados e dispendiosos, nos leva a pensar que o Café Chile buscava atrair um público mais requintado, tentando passar, através da imprensa, a imagem de um estabelecimento moderno, confiável e com ambiente seletivo.

No entanto, se o anúncio publicado divulgava a imagem de um espaço elegante e *chic*, as colunas policiais mostravam uma outra face do Café Chile. Em 1922, o Café foi envolvido em um escândalo de grandes proporções na cidade, quando o subdelegado do distrito de Santo Antônio descobriu um ponto de venda de cocaína que funcionava na tabacaria do Chile. Segundo as notícias, o subdelegado “apreendeu grande quantidade de frascos de cocaína em poder do estrangeiro Abílio, proprietário da tabacaria do Café Chile, o qual os vendia por bom

⁷ Os dados citados sobre o Café Chile foram colhidos no anúncio do álbum *Indicador do Commercio e Indústria em Pernambuco e Alagoas*, 1916.

preço ao meretrício”.⁸ Prisões, notas de repúdio, comentários negativos e condenação nas matérias de jornais, colocaram o nome do estabelecimento em destaque nas colunas policiais por alguns dias.

Numa época, em que ainda não se usava a palavra “droga”, e sim “tóxico”, o consumo de substâncias como a cocaína, a morfina, o éter e o ópio, passou a ser visto como danosos para a sociedade, principalmente porque começava a envolver, além as prostitutas, também os moços de conhecidas e tradicionais famílias, freqüentadores dos prostíbulos. De acordo com a imprensa, no Recife, a cocaína era considerada “há muito tempo, o tóxico *chic* do meretrício desta cidade”. A prostituta era sempre responsabilizada pela entrada dos moços no mundo do vício e vista como a “desencaminhadora dos jovens”. Segundo o Jornal do Recife, “As mulheres das pensões vivem constantemente sob a ação do tóxico, provocando cenas de escândalo ao lado de rapazes, muitas vezes pertencentes a distintas famílias e que se desviam para a vida perdida do lupanar”.⁹

De acordo com o mesmo periódico, tóxicos como cocaína, morfina, ópio e éter eram encontrados à venda não apenas em cafés e pensões, mas também em farmácias. Em matéria de primeira página, o Jornal ressaltava que a polícia recebera várias denúncias, nessa fase, de “casas elegantes e farmácias sem escrúpulos onde se vendem aqueles tóxicos”,¹⁰ e cobrava uma ação enérgica das autoridades, argumentando que não era “pequeno o número de vítimas entre nós, dos terríveis efeitos da cocaína, morfina, éter, ópio, etc”.¹¹

Assim, percebemos que o cardápio informal do Café Chile oferecia vários outros serviços além dos tradicionais petiscos e bebidas. A uma clientela formada provavelmente por senhores e moços de maior poder aquisitivo, preocupada com a higiene da cozinha, com a música ambiente, com o conforto moderno da luz elétrica, misturavam-se meretrizes, protagonistas de um escândalo que exigiu a presença da polícia no café:

“O guarda 48, de serviço, anteontem, às 24 horas, na praça da Independência, prendeu as meretrizes Esther Baptista de Lima, vulgo “Neném”, e Celina Ramos, vulgo “Barata doida”, quando lutavam no interior do “Café Chile” naquela praça. Motivaram a luta questões antigas de ciúme.”¹²

⁸ Jornal do Recife, 23/07/1922, p. 5.

⁹ Idem, 23/07/1922, p. 05.

¹⁰ Idem, 26/07/1922, p.1.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Jornal do Recife, 25/01/1922.

Territórios que fugiam ao controle das autoridades, onde os códigos e símbolos ligados à vida das camadas populares regiam os comportamentos, o ambiente dos cafés imprimia medo e desconfiança nos grupos de elite, o que ajudava a consolidar uma imagem negativa desses estabelecimentos. Apesar da má fama, e contrariando a imagem que os periódicos construíram sobre os frequentadores desses cafés, podemos perceber que sua clientela não era formada apenas do que se denominava “desordeiros”, “malandros”, “mundanas”. Em matéria cuja manchete era “Os ‘bars’ à noite”, o Jornal Pequeno assim descrevia os tipos, às vezes elegantes, que sentavam nesses recintos para beber, jogar, ou simplesmente se divertir e conversar com os amigos:

“Quem são aqueles cidadãos incontestavelmente respeitáveis, pela atitude educada que mantêm, que, todas as noites, (...) passam de 7 às 11 da noite a chupar manhosamente, calmamente, garrafas e mais garrafas de cervejas? E aquele outro, quase sempre de frack, pequeno anel de brilhante no dedo, pérola na gravata, que grita tanto, dá altas gargalhadas, bate fortemente com o bozó sobre a mesa?”¹³

Depoimentos como o citado acima, mostram que figuras das elites também se divertiam nos cafés e bares considerados de “segunda categoria”, tendo acesso a alguns espaços do “Zé Povo”, com seus códigos de conduta e signos distintos. A presença desses indivíduos nos cafés-concerto faz perceber a complexa e intrincada rede que compunha a vida social da cidade. Longe da rígida hierarquização pregada pelas elites, espaços de comunicação abriam possibilidades de diálogo e trocas culturais, mostrando que apropriações e reelaborações foram possíveis de ocorrer, mesmo diante de um discurso que segmentava e excluía. “Espaço do ócio, do negócio, da contestação política, de bebedeira e de conflito, do estabelecimento de uma sociabilidade e de solidariedades”, os cafés aparecem como um dos ambientes capazes de criar alternativas de fuga à regulamentação imposta à vida na cidade. (SILVEIRA, 1996:171).

Assim, sejam os prioritariamente dirigidos aos segmentos da elite ou aos grupos populares, os cafés do Recife possibilitavam encontros de grupos sociais diversos, abriam canais que permitiam a troca de informações entre mundos culturais diferentes, representando um dos espaços onde havia a chance de se estabelecerem redes de comunicação que escapavam à lógica do discurso técnico e racional que buscava disciplinar, moralizar e modernizar o espaço da cidade.

¹³ Jornal Pequeno, 14/11/1921, p. 1.

Referências bibliográficas

BRESCIANI, Maria Stella. Permanências e Ruptura no Estudo das Cidades. In: *Cidade e História*. Org. Ana Fernandes e Marco Aurélio Gomes. Salvador: UFBA/ANPUR, 1992.

PARAÍSO, Rostand. *A Esquina do Lafayette e outros tempos do Recife*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2001.

SETTE, Mário. Os antigos cafés. In: *Maxambombas e maracatus*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, pp. 142-145.

_____. *Seu Candinho da Farmácia*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

SILVEIRA, Anny J. Torres. O sonho de uma *petite* Paris: os cafés no cotidiano da capital. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH Horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, pp. 119-182.

SOUZA BARROS. Joaquim Cardoso e o “Cenáculo” da Lafaiete. In: *A década de 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985, pp. 217-245.

VELOSO, Mônica Pimenta. Os cafés como espaço da moderna sociabilidade. In: LOPES, Antônio H. (org.). *Entre a Europa e a África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, pp. 231-244.